



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO – UFRPE**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – DEFIS**  
**LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**RAFAEL FARIAS DA SILVA**

**O IMPACTO DA INFRAESTRUTURA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
NA REDE PÚBLICA DE ENSINO DO MUNICÍPIO DO JABOATÃO DOS  
GUARARAPES**

**RECIFE**

**2021**

**RAFAEL FARIAS DA SILVA**

**O IMPACTO DA INFRAESTRUTURA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
NA REDE PÚBLICA DE ENSINO DO MUNICÍPIO DO JABOATÃO DOS  
GUARARAPES**

Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Andréa Carla de Paiva

RECIFE  
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Sistema Integrado de Bibliotecas  
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

F224

Silva, Rafael Farias

O IMPACTO DA INFRAESTRUTURA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA REDE PÚBLICA DE  
ENSINO DO MUNICÍPIO DO JABOATÃO DOS GUARARAPES / Rafael Farias Silva. - 2021.  
46 f. : il.

Orientadora: Andrea Carla de Paiva.  
Inclui referências e apêndice(s).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,  
Licenciatura em Educação Física, Recife, 2021.

1. Infraestrutura. 2. Educação Física Escolar. 3. Prática Pedagógica. I. Paiva, Andrea Carla de, orient. II.  
Título

CDD 613.7

---

Dedico este trabalho a todo o curso,  
corpo docente e discente, a quem  
fico lisonjeado por dele ter feito  
parte.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, por está presente em cada passo da minha vida, me dando forças.

Agradeço meus pais, que sempre estiveram ao meu lado me apoiando ao longo de toda a minha trajetória.

Agradeço a todos os amigos que a vida me apresentou na graduação, que compartilharam comigo dos inúmeros desafios, sempre com o espírito colaborativo.

Também quero agradecer a todos os professores do curso pela excelência da qualidade técnica de cada um, e pelo acolhimento sempre atencioso.

Deixo um imenso agradecimento a minha orientadora por aceitar conduzir o meu trabalho de pesquisa, que mesmo de férias de suas atividades, continuou ali, incentivando, orientando e dedicando seu tempo, a esse projeto de pesquisa. Meus sinceros e afetuosos agradecimentos.

## RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar a prática pedagógica dos professores de Educação Física da Rede Municipal de Ensino do Jaboatão dos Guararapes-PE, frente à ausência de espaços adequados para realização de aulas. Sendo assim, traçamos como objetivos específicos: descrever os espaços físicos utilizados pelos professores de EF; reconhecer os limites e possibilidades do trato com o conhecimento nas aulas de Educação Física. O interesse pelo estudo parte das experiências ocorridas durante a formação acadêmica no curso de Licenciatura em Educação Física, da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), na qual tivemos a oportunidade através da disciplina de Estágio Supervisionado de acompanhar o trabalho pedagógico realizado por alguns professores em unidades educacionais do Estado. Percebemos nesses locais que os planejamentos das aulas de Educação Física são frequentemente adaptados e readaptados, muitas vezes por falta de estruturas no tocante a espaços e equipamentos, ou até mesmo inalterados, ficando suas práticas, devido às condições de trabalho do professor, passível e restrita a prática do “rolar bola”. Vimos e sentimos ao intervir, quão desafiador é o trabalho do professor no seu dia a dia, frente à ausência de espaços adequados e de recursos para ministrar suas aulas e como esses elementos são importantes, pois sua falta compromete direta e indiretamente o trabalho pedagógico do professor de Educação Física. O percurso metodológico desta pesquisa foi balizado pelas seguintes orientações: tratou-se de uma pesquisa descritiva, de natureza qualitativa, que teve como instrumento de coleta dos dados, das transcrições das falas dos participantes do vídeo-denúncia, realizado pelo Sindicato de trabalhadores em educação do Jaboatão dos Guararapes-PE, do qual trouxeram elementos que foram interpretados, e dessa forma, contribuíram para reconhecer os limites da prática pedagógica no cotidiano da escola. As interpretações foram construídas a partir da triangulação dos grupos de análises, com a transcrição das falas dos participantes da denúncia, da seleção dos eventos críticos e com o referencial teórico utilizado no estudo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Infraestrutura. Educação Física Escolar. Prática Pedagógica.

## ABSTRACT

This study aims to analyze the pedagogical practice of Physical Education teachers from the Municipal Education Network of Jaboatão dos Guararapes-PE, in the absence of adequate spaces for classes. Therefore, we set out as specific objectives: to describe the physical spaces used by PE teachers; recognize the limits and possibilities of dealing with knowledge in Physical Education classes. The interest in the study stems from the experiences that took place during the academic training in the Physical Education Degree course, at the Federal Rural University of Pernambuco (UFRPE), in which we had the opportunity, through the Supervised Internship discipline, to accompany the pedagogical work carried out by some teachers. educational units in the state. We realized in these places that the plans of Physical Education classes are often adapted and readapted, often due to the lack of structures with regard to spaces and equipment, or even unchanged, with their practices, due to the work conditions of the teacher, passable and restricted the practice of “rolling the ball”. We saw and felt when intervening, how challenging is the teacher's work in his daily life, given the lack of adequate spaces and resources to teach his classes and how important these elements are, because their lack directly and indirectly compromises the pedagogical work physical education teacher. The methodological path of this research was guided by the following guidelines: it was a descriptive, qualitative research, which had as a data collection instrument, the transcripts of the speeches of the participants in the video-complaint, carried out by the Union of workers in education from Jaboatão dos Guararapes-PE, from which they brought elements that were interpreted, and in this way, contributed to recognize the limits of pedagogical practice in the daily life of the school. The interpretations were constructed from the triangulation of the analysis groups, with the transcription of the statements of the participants in the complaint, the selection of critical events and the theoretical framework used in the study.

**KEYWORDS:** Infrastructure. School Physical Education. Pedagogical Practice.

## LISTA DE QUADROS

**Quadro 1.** Número de Unidades Escolares Municipais do Jaboatão dos Guararapes.

**Quadro 2.** Descrição dos Eventos Críticos.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2. A INFRAESTRUTURA ESCOLAR E SUA INFLUÊNCIA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA .....</b>	<b>15</b>
<b>2.1 BREVE HISTÓRICO ACERCA DA INFRAESTRUTURA ESCOLAR .....</b>	<b>15</b>
<b>3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>26</b>
<b>3.1 CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA .....</b>	<b>26</b>
<b>3.2 IDENTIFICAÇÃO DO CAMPO .....</b>	<b>26</b>
<b>3.3 PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS ...</b>	<b>27</b>
<b>4. ANALISANDO OS DADOS: O QUE DIZEM OS SUJEITOS DA PESQUISA?.....</b>	<b>31</b>
<b>4.1 RECURSOS/ESPAÇOS FÍSICOS - MATERIAIS DIDÁTICOS .....</b>	<b>33</b>
<b>4.2 INTERFERÊNCIAS/ CONDIÇÃO CLIMÁTICA .....</b>	<b>35</b>
<b>4.3 PRÁTICA PEDAGÓGICA/ENGAJAMENTO - COMPONENTE CURRICULAR – CRIATIVIDADE .....</b>	<b>37</b>
<b>5. LIMITES E POSSIBILIDADES DO TRATO COM O CONHECIMENTO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA – Apontamentos Conclusivos .....</b>	<b>40</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>42</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>45</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo analisar a prática pedagógica dos professores de Educação Física da Rede Municipal de Ensino do Jaboatão dos Guararapes-PE, frente à ausência de espaços adequados para realização de aulas. Sendo assim, traçamos como objetivos específicos: descrever os espaços físicos utilizados para aulas de EF, a partir dos relatos; descrever as falas dos professores sobre a ausência de condições reais de trabalho; reconhecer os limites e possibilidades do trato com o conhecimento nas aulas de Educação Física.

O interesse pelo estudo parte das experiências ocorridas durante a formação acadêmica no curso de Licenciatura em Educação Física, da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), na qual tivemos a oportunidade através da disciplina de Estágio Supervisionado de acompanhar o trabalho pedagógico realizado por alguns professores em unidades educacionais do Estado. Percebemos nesses locais que os planejamentos das aulas de Educação Física são frequentemente adaptados e readaptados, muitas vezes por falta de estruturas no tocante a espaços e equipamentos, ou até mesmo inalterados, ficando suas práticas, devido às condições de trabalho do professor, passível e restrita a prática do “rolar bola”.

Vimos e sentimos ao intervir, quão desafiador é o trabalho do professor no seu dia a dia, frente à ausência de espaços adequados e de recursos para ministrar suas aulas e como esses elementos são importantes, pois sua falta compromete direta e indiretamente o trabalho pedagógico do professor de Educação Física. De acordo com SILVA e DAMAZIO (2008),

As condições materiais didáticos pedagógicos, estrutura física (quadra, espaços alternativos) interferem de modo significativo nos trabalhos pedagógicos. Os esforços dos professores, por mais criativo que sejam e diante dos mais belos ideais educativos, podem fracassar, caso não encontrem espaços e condições materiais para concretização de seus planos de trabalho (p.10)

MATOS (2005) destaca que locais apropriados para as aulas de Educação Física são de extrema importância para o educando, pois a arquitetura escolar pode ser vista como um programa educador, ou seja, como

um elemento do currículo invisível ou silencioso, ainda que ela seja por si mesma bem explícita ou manifesta.

Na Educação Física ou em outras áreas do conhecimento, os problemas educacionais da escola pública brasileira além de diversos, são também complexos (APPLE, 2001), e envolvem várias questões estruturais, pedagógicas, financeiras, sociais, culturais. Dos quais acabam refletindo sobre o desempenho e a qualidade do ensino- aprendizagem. Qualidade que deve ser tema de forte debate, onde o ponto de partida começa no papel do Estado, na garantia e no dever em assegurar condições adequadas para que os profissionais possam realizar suas propostas, a partir da efetivação de um planejamento participativo embasado nos anseios da comunidade escolar.

Entende-se uma educação de boa qualidade como um espaço de democratização, em que todos têm condições igualitárias de acesso e permanência na escola, um lugar que vivencia a inclusão, a democracia e a qualidade social, bem como a efetivação de políticas públicas ofertadas pelo Estado para os profissionais da educação, as quais disponibilizam condições materiais e financeiras para concretização dos objetivos educacionais (SILVA, 2015, p. 26).

O Estado tem o dever de oferecer uma estrutura adequada para que cada aluno possa aprender com qualidade mínima necessária. Sem esse apoio, as escolas ficam desestruturadas e dificilmente alcançaram um bom desempenho na realização das aulas. A Educação Física é um componente curricular de grande valia para o desenvolvimento integral da criança/adolescentes, e a falta de condições mínimas trazem diversos prejuízos para o processo de aprendizagem, pois, na execução de cada aula é indispensável o uso de um espaço adequado para que as crianças atribuam sentido e significado às práticas corporais que tem acesso na escola, permitindo assim, a tão sonhada qualidade na educação.

Numa visão macro, de reflexão sobre a qualidade da educação, de acordo com o Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA<sup>1</sup>),

---

<sup>1</sup> O PISA- Programa Internacional de Avaliação dos Alunos é um programa internacional de avaliação comparada, cuja principal finalidade é produzir indicadores sobre a efetividade dos sistemas educacionais, avaliando o desempenho de alunos na faixa dos 15 anos, idade em que se pressupõe o término da escolaridade básica obrigatória na maioria dos países.

[HTTP://www.inep.gov.br/internacional/pisa/](http://www.inep.gov.br/internacional/pisa/)

realizado em 2018, o Brasil ocupa 65ª colocação no índice mundial de desenvolvimento da educação. Considerando que este ranking conta com a participação de 79 países, nota-se que o conhecimento dos estudantes brasileiros, segundo dados da pesquisa, encontram-se aquém dos demais estudantes avaliados.

Ainda segundo a pesquisa, no comparativo entre estudantes de escola pública e privada o índice de conhecimento dos estudantes de escola privada elevaria o Brasil a 5ª colocação. Tal indicativo explicita o quanto a educação vem sendo relegada a segundo plano nas políticas públicas do país, políticas estas que intercedem sobre todo contexto escolar e que reverberam no processo de ensino- aprendizagem.

De acordo com, Soares Neto et al (2013) com base no Censo Escolar 2011, 61,8% das escolas municipais brasileiras são classificadas como tendo uma estrutura elementar. Quer dizer, para seu funcionamento, contam apenas com água, esgoto, energia elétrica e cozinha e de foram precária. Os autores ainda afirmam que 31,6% se referem a uma estrutura básica que além dos já citados, acrescentariam a sala de direção e equipamentos eletrônicos como, televisor, computador, impressora. Ou seja, em 93,4% das escolas municipais do país não se encontra uma estrutura adequada, o que incluiria, por exemplo, espaços para as aulas de Educação Física.

Num estudo específico sobre os espaços para aulas de Educação Física, Tenório (2012) avaliaram 103 estabelecimentos de ensino na cidade do Recife, identificando que, apesar da garantia das aulas de Educação Física na grade de horário e dos investimentos realizados com a implementação do Programa Educação Integral, as escolas da rede estadual localizadas no Recife, ainda não possuem estrutura adequada e materiais para as aulas Educação Física, destacando:

A ausência e a pouca qualidade de espaço físico e de instalações para o ensino da educação física podem ser compreendidos sob dois aspectos: a não valorização social dessa disciplina e o descaso das autoridades para com a educação destinada às camadas populares. Há, por parte dos professores e gestores, uma forte discussão sobre a importância da educação física na escola, mas as questões relativas às condições materiais das escolas públicas têm sido camufladas. (TENÓRIO, 2012, p. 312).

A infraestrutura das escolas públicas, tema recorrente dos anseios da comunidade escolar revela a ingerência de políticas educacionais voltadas ao tema. De acordo com a pesquisa, elaborada pelo Observatório de Política e Gestão da Educação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em 2014, mostrou que de 1.044 unidades escolares analisadas no Estado de Pernambuco, 38% se enquadram no nível estrutural básico, 39% adequado, 19% elementar e só 4% avançado. A presente pesquisa concluiu que 57% das escolas estaduais estão abaixo do nível adequado e 19% no patamar elementar.

Revelando assim, uma realidade que não tem sido contemplada efetivamente nas políticas públicas já que ao olhar os espaços existentes para aulas de Educação Física, na sua maioria resume-se a pátios pequenos e a própria sala de aula, o que nos inquieta é saber que estes espaços não atendem ao estudante em sua plenitude, independente das perspectivas ou abordagens de ensino para Educação Física.

Nesse sentido, um levantamento realizado em 2017 pelo Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Município do Jaboatão dos Guararapes (SINPROJA<sup>2</sup>), denunciou as precárias condições dos espaços físicos para realização das aulas de Educação Física em 17 das 139 unidades de ensino nas redes sociais e Canal do *Youtube*, bem como no próprio site do sindicato, onde vários professores ligados a Educação Física Escolar relatam suas experiências pedagógicas num caótico quadro em que se encontram as escolas onde lecionam.

Este vídeo despertou o interesse em realizar esta pesquisa numa Rede de Ensino que pertence a Região Metropolitana do Recife, sobretudo por ser raro, um sindicato de professores, atentar para um quadro tão específico de uma área do conhecimento invisível diante dos demais componentes curriculares na escola.

Estas situações vão desde a ausência de espaços adequados para a realização das aulas, como a falta de materiais, equipamentos, rede esgoto,

---

<sup>2</sup> <https://sinproja.com.br/>

Educação Física/SINPROJA - Condições de Trabalho e Perspectivas de Mudanças  
<https://www.youtube.com/watch?v=00ndu6TXdCk>

prédios pequenos que não comportam adequadamente os estudantes, sequer espaços para as aulas de Educação Física.

CANESTRARO, ZULAI e KOGUT (2008) falam que, é comum no cotidiano escolar, o professor de Educação Física ser confrontado com certas situações, que eventualmente representam dificuldades no processo de ensino-aprendizagem de seus alunos, principalmente em escolas públicas. Essas dificuldades acabam desmotivando o profissional, que muitas vezes optam em não ministrar suas aulas de forma satisfatória, comprometendo os processos de aprendizagens dos estudantes sobre os conteúdos específicos da área, pois

[...] há necessidade de equipar as escolas com material referente às aulas, bem como destinar especial atenção à manutenção das quadras esportivas e equipamentos. Visto que, tais recursos são na verdade elementos didáticos utilizados no ambiente de aprendizagem, com o intuito de estimular o aluno à participação ativa em sala de aula. (CANESTRARO, ZULAI, KOGUT, 2008, p.5 )

De acordo com o Censo Escolar - 2019, em relação à infraestrutura e os espaços pedagógicos como quadra de esporte e pátio (coberto ou descoberto), 68,6% das escolas municipais do país não contam com esses espaços. Desta forma, julgamos importante o debate teórico no que se refere à prática pedagógica e ao espaço físico escolar, sobretudo na questão das condições de trabalho postas no “chão da escola” aos professores que atuam na área da Educação, e especificadamente da Educação Física.

Acreditamos que a ausência e ou insuficiência de condições adequadas (físicas, estruturais, materiais) comprometem o trabalho pedagógico e limita a capacidade de intervenção do(a) professor(a), dificultando o ensino-aprendizagem e conseqüentemente desencorajando a participação dos estudantes nas aulas.

Trabalhar com a educação e com a Educação Física escolar no Brasil está longe de ser uma tarefa fácil, seja em instituições privadas ou públicas, pois suas diferenças se revelam entre as redes, e dentro de cada rede de ensino. Nesse sentido, para o setor público, se torna mais desafiador, pois, é na escola pública que se concentra e se escolarizam a maior parte da sociedade e nela que mais carece de investimento e de políticas públicas principalmente quando se trata da Educação Física.

Defendemos uma escola com boas condições de trabalho e com ensino de qualidade onde o fazer pedagógico seja libertador, democrático, autônomo e capaz de desenvolver em cada indivíduo, a possibilidade de olhar realidade para além das aparências e atuar sobre a mesma de maneira crítica consciente, desta forma se firmar como parte indissociável da sociedade.

Temos a consciência que, quando falamos em educação no sentido de um fazer pedagógico democrático ainda caminhamos a passos lentos, mesmo com todos os mais belos esforços desempenhados pelos profissionais que fazem a educação, com seu carinho, dedicação, cuidados, responsabilidade, não dão conta, sozinhos, de alcançar tal feito.

Nesse sentido, na condição de professor na formação inicial de Educação Física, despertou-me a vontade de investigar e aprofundar os estudos sobre esta temática, na busca de desvelar o real. Então, perguntamos: Como se desenvolve a prática pedagógica dos professores de Educação Física da Rede Municipal de Ensino do Jaboatão dos Guararapes-PE, frente à ausência de espaços adequados para realização de aulas?

Este estudo visa, sobretudo, possibilitar um novo olhar sobre a importância dos espaços físicos para garantia de acesso ao conhecimento para todos os estudantes, no sentido de contribuir com argumentações que se somem a outras ações coletivas, gerem reflexões e mudanças para prover uma educação de qualidade com condições de trabalho para todos os envolvidos no processo educativo. Sendo assim, o estudo está estruturado da seguinte forma:

Inicialmente discutimos sobre a infraestrutura e os espaços para realização das aulas de Educação Física na escola e seu impacto na prática pedagógica dos professores de Educação Física.

Em seguida, abordamos os aspectos referentes à metodologia da pesquisa utilizada, com a descrição do tipo de pesquisa, dos instrumentos utilizados e dos dados empíricos encontrados.

Apontamos também os dados empíricos, identificando os pontos centrais acerca do que dizem os professores de Educação Física sobre sua prática pedagógica. E por último, discutimos os limites e possibilidades do trato com o conhecimento nas aulas de Educação Física diante da ausência/insuficiência dos espaços físicos para realização das mesmas como síntese possível ao estudo.

## **2. A INFRAESTRUTURA ESCOLAR E SUA INFLUÊNCIA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Nesse capítulo faremos uma abordagem na literatura trazendo um breve recorte histórico sobre a temática da infraestrutura escolar, e aprofundamos sobre este tema na contemporaneidade, sua influência e os impactos de sua ausência nas aulas de Educação Física.

### **2.1. BREVE HISTÓRICO ACERCA DA INFRAESTRUTURA ESCOLAR**

Historicamente, desde a época do Império no Brasil, os espaços utilizados em pró da educação, em suma, não possuíam uma estrutura adequada. Eram prédios improvisados como: igrejas, sacristias, estabelecimentos comerciais, residências próprias dos mestres, que funcionava como locais de acesso ao saber erudito, mas que atendia a uma pequena parcela da população (FARIA FILHO, 1998).

Com o advento da República, e falência do estado Imperial o cenário nacional foi lentamente sendo alterado, havendo expansão de algumas cidades, crescimento demográfico e estruturação destas; como símbolos do progresso – estradas, indústrias, instituições educacionais, entre outros; foram sendo gradativamente implantados.

Nesse contexto, pós abolição da escravatura, novos valores e condutas surgiram na nova sociedade republicana, onde súditos pouco a pouco se transformariam em cidadãos e, em que o regime de trabalho antes escravocrata, passava a assalariado abrindo caminho para a economia urbano-industrial. Neste intento, a escola e a escolarização, passam a ser consideradas importantes instâncias para a propagação de novos hábitos, valores, regras, no sentido de democratiza o ensino. Com isso precisava criar um novo modelo de escola com estruturas planejadas.

Nagle (2001) fala que, a crença na escolarização marca a história da educação nacional na Primeira República e demonstra que os resultados mais manifestos desta crença, é o que o autor denomina entusiasmo pela educação

e otimismo pedagógico, que presentes em todo período da República Velha se intensifica na década de 1920, levando como premissa ser a escolarização o motor da história.

De um lado, existe a crença de que, pela multiplicação das instituições escolares, da disseminação da educação escolar, será possível incorporar grandes camadas da população na senda do progresso nacional, e colocar o Brasil no caminho das grandes nações do mundo; de outro lado, existe a crença de que determinadas formulações doutrinárias sobre a escolarização indicam o caminho para a verdadeira formação do novo homem brasileiro (escolanovismo). (NAGLE, 2001, p. 134).

Com a nova reformulação estrutural acreditava-se na melhora da qualidade do ensino público, no entanto as políticas de investimentos na educação eram modestas para o alcance dos objetivos como bem afirmava Anísio Teixeira, lá na primeira metade do século XX, dizia ele: *“Não há como fazer educação barata – como não se pode ganhar uma guerra barata. Se for nossa defesa que estamos construindo, o seu preço nunca será demasiado caro, pois não há preço para sobrevivência”* (1971, p. 142).

Segundo Teixeira (1971) apud Silva e Damazio (2008.p. 192)... o papel fundamental da escola pública numa sociedade em transformação e destacou a importância dos prédios e das instalações das escolas públicas. Para cumprir a sua função, seria necessário um ambiente preparado, com instalações que atendessem aos padrões médios da vida civilizada. Porém o seu modelo de arquitetura escolar a partir da proposta *“progressista”* de tempo integral, partindo de uma arquitetura organizada nas Escolas Nucleares <sup>3</sup>e nas Escolas Parque <sup>4</sup>(TEXEIRA, 1971) não foram efetivamente implantadas.

---

<sup>3</sup> O modelo de Escolas Nucleares tratava-se do fechamento das escolas rurais isoladas e multisseriadas de uma determinada região e da transferência dos respectivos alunos e professores para uma escola polo ou nucleada, geralmente localizada no meio urbano. O objetivo desta política seria melhorar a qualidade do ensino oferecido aos alunos do campo: fim das turmas multisseriadas; fim do isolamento pedagógico; redução da sobrecarga do trabalho dos docentes; melhorias nos aspectos físicos das escolas (biblioteca, quadras, sala de informática, etc.); ampliação do material didático; presença constante de um supervisor pedagógico; além da redução de gastos.

<sup>4</sup> A Escola-Parque fazia parte de um ambicioso projeto de reformulação do ensino da Bahia, implantado por Anísio Teixeira quando ocupava a Secretaria de Educação do Estado (1947-1951) que previa a construção de centros populares de educação em todo o estado para crianças até 18 anos. O objetivo era fornecer à criança uma educação integral, cuidando da sua alimentação, higiene, socialização e preparação para o trabalho e cidadania. A única escola concluída foi o Centro Educacional Carneiro Ribeiro, inaugurado em 1950 no bairro popular da Liberdade, na capital baiana, que ficaria conhecido como Escola Parque.

Segundo Dórea (2000), o processo de modernização estrutural da rede ensino veio só tempos após em torno das décadas de 50 e 60 através da democracia populista instalada no país pós-guerra havendo um crescimento significativo da escolarização destinada às camadas populares.

O contexto da Educação Física do início do século XX, não havia nos projetos arquitetônicos muita definição de espaços voltados para o ensino da ginástica ou de exercícios físicos, apenas indicavam nos ordenamentos diversos a necessidade de pátios e, às vezes, de galpões.

Para aquele período, havia uma preocupação clara com a construção de corpos sadios e disciplinados e a destinação destes espaços poderia estar atrelada a estes objetivos. Na avaliação de Rodrigues (2003), envolvendo prédios e instalações de nove unidades, construídas entre 1920 e 1980, apenas duas escolas apresentavam em seus projetos arquitetônicos espaços destinados à educação física.

Essa avaliação trazida por Rodrigues (2003) estabelece a relação entre a expansão do ensino público no Brasil e a estrutura física das unidades escolares entre o período descrito. Para Rodrigues (2003), o prédio escolar é analisado como um problema social a ser solucionado no campo das políticas públicas. Em face da demanda, as unidades escolares foram construídas em áreas impróprias, com espaços físicos inadequados e ambientes dispostos de forma irracional.

Com a Constituição Federal de 1946, a educação torna-se obrigatória e gratuita (ROMANELLI, 2001).

Neste mesmo ano, é fundada a Federação Brasileira de Professores de Educação Física, mas com o advento da Ditadura Militar a EF passa a ser usada para os fins da propaganda do governo e todos os níveis e ramos do ensino acabam voltados para o esporte de alto rendimento. Em 1984 surge o primeiro projeto de lei visando regulamentar a EF. Posterior, a atual constituição aprovada em 1988 traz que: “a educação é um direito de todos e um dever do estado e da família”. Somente em 1998 é assinada a LEI 9.696 (BRASIL, 1998), que regulamenta a atuação do profissional de EF.

Entretanto, estas mudanças na legislação não resultaram em alterações concretas no sentido de oferecer escolas com padrão mínimo de qualidade à

população. É possível dizer, a partir da perspectiva historiográfica que no Brasil,

[...] a política de construção de prédios escolares vicejaram entre poucos recursos e medidas paliativas. A expansão da rede de escola para os diversos níveis de ensino ocorreu fundamentada nos princípios da racionalidade financeira e técnica, funcionalidade, e máximo aproveitamento do espaço redundando em construções econômicas, de traçados simples com pouca diferenciação interna e poucos vínculos com as propostas pedagógicas (SOUZA, 2005, apud. DE SOUZA, 2011 p. 179).

Segundo Souza Lima (1998, p. 31) a qualidade das instalações escolares afetam diretamente o desenvolvimento do currículo e, como consequência, o processo de ensino aprendizagem: “o espaço físico é material riquíssimo e está sendo totalmente desprezado. Nos projetos de construções escolares não há lugar para bibliotecas, laboratórios e quadras de esportes”.

Na conjuntura atual percebe-se que os espaços físicos escolares pouco têm sido apreciados nas políticas públicas considerando dados aqui já citados na introdução da pesquisa. As preocupações dos órgãos oficiais parecem estar atreladas diretamente à relação custo benefício. Ou seja, atender mais alunos com custos cada vez menores, sem investir em condições humanas e estruturais para este atendimento. Tal processo compromete a qualidade do trabalho pedagógico de qualquer profissional e, em particular, daquele comprometido com o ensino da Educação Física.

A escola em si é um espaço, na qual crianças e jovens passam boa parte de suas vidas. Local de vivências e de várias descobertas, também palco de conversas, relações sociais, construção de imagens, atividades e conhecimento.

Desta forma, ressaltamos a importância de ser ter escolas com boas qualidades estruturais para acolher seus estudantes. Há de considerar que um ambiente educacional onde a infraestrutura se apresente de maneira adequada, ou seja, que atenda as necessidades da comunidade escolar, gestão, corpo docente, estudantes, pais. Acredita-se que apresentem, no geral, um maior desenvolvimento e inclusão de seus estudantes nas atividades escolares propostas.

Sendo assim, a escola precisa dispor de espaços adequados para atender seus estudantes que a cada dia reivindicam por melhoras, e se veem desestimulados a irem a mesma. O desinteresse, a falta de participação e de curiosidade pode estar ligada a falta de infraestrutura adequada no espaço escolar, e que esse fator contribui diretamente nos resultados e interfere na aprendizagem dos educandos.

[...] O espaço escolar não é apenas um continente, um recipiente que abriga alunos, livros, professores, um local em que se realizam atividades de aprendizagem. Mas é também um conteúdo, ele mesmo é educativo. Escola é mais do que quatro paredes, é clima, espírito de trabalho, produção de aprendizagem, relações sociais de formação de pessoas. O espaço tem que gerar ideias, sentimentos, movimentos no sentido da busca do conhecimento, tem que despertar interesse em aprender, além de ser algo alegre, aprazível e confortável, tem que ser pedagógico. O aluno aprende dele lições sobre a relação entre corpo e a mente, o movimento e o pensamento, o silêncio e o barulho do trabalho que constroem conhecimento (Davis, 1993, p.53).

O espaço da escola segundo o autor deve passar uma mensagem de aprendizagem, sendo um lugar acolhedor e atrativo, proporcionando a criação de ideias e pensamentos e fortalecendo as formas de relações sociais dos indivíduos. A escola precisa ser um ambiente agradável para que os alunos sintam estímulo ao estar dentro dela e ir até ela. Eles necessitam de espaço e de locais onde o bem estar favoreça a fácil compreensão e realização de atividades.

Neste sentido, quanto significativo representa uma infraestrutura adequada, pois falhas nestas, acarretam em prejuízos que influenciam o trabalho pedagógico, dificultando o alcance dos objetivos educacionais propostos e causando limitações no aprendizado dos estudantes que ali estudam.

Trata-se uma aliada importante na Educação Física, para o desenvolvimento das aulas práticas e teóricas, pois o aluno precisa de espaço para a realização das atividades propostas. Sendo este um ambiente de referência para a execução de suas práticas e manifestações corporais. Em muitas escolas, falta de quadras esportivas com e sem coberturas e de materiais pedagógicos contribuem para o desestímulo dos alunos.

A infraestrutura de uma escola é um fator importante para um bom desempenho dos estudantes nas aulas de Educação Física, seguindo critérios de distribuição harmoniosa e de qualidade estética, de forma a responder às necessidades dos diversos tipos e níveis de prática. Segundo BRACHT (2003).

A existência de materiais, equipamentos e instalações adequadas é importante e necessária para as aulas de Educação Física, sua ausência ou insuficiência podem comprometer o alcance do trabalho pedagógico (p. 39).

Diante da análise destes autores nota-se a importância da disciplina Educação Física, na escola ter seu próprio espaço qualificado. MATOS (2005) destaca que, nenhuma disciplina deve diminuir a sua qualidade ou ausentar certos conteúdos por questões estruturais.

Por ser um componente curricular a Educação física deve ter seu espaço para o desenvolvimento de suas práticas na escola. Porém é notório o descaso com a educação na política educacional do país, o qual é evidenciado nas ações ineficientes de alguns gestores, na falta de materiais, na desvalorização dos professores e nas precárias condições de trabalho e salário. Condições estas reivindicadas ano a ano, nos mais diversos movimentos sindicalistas da classe trabalhadora da educação, chegando a paralisar as atividades. Como mostra o relatório da Confederação Nacional dos trabalhadores em Educação (CNTE, 2013<sup>5</sup>).

Planejar e aplicar aulas sistematizadas, de qualidade e que facilitem o aprendizado do aluno, tornou-se cada vez mais difícil. Diante desta situação, muitos professores alegam que sem recursos materiais não há condições de preparar e aplicar aulas adequadas e, frequentemente, excluem determinados conteúdos de seu programa de ensino. Neste sentido, o planejamento educacional abrange um processo de reflexão e decisão, constituído por várias fases para permitir maior domínio e organização dos acontecimentos. Segundo Vasconcelos (1995, p. 42)

O planejamento é uma mediação teórico-metodológica para a ação consciente e intencional. Tem por finalidade procurar fazer algo vir à tona, fazer acontecer, concretizar, e para isto é

---

<sup>5</sup> [www.cnte.org.br](http://www.cnte.org.br)

Professores fazem greve por melhores condições de trabalho.

necessário amarrar, condicionar, estabelecer as condições prevendo o desenvolvimento da ação no tempo, no espaço, as condições materiais, bem como a disposição interior, para que aconteça, caso contrário, vai se improvisando, agindo sob pressão, administrando por crise. É fazer história: uma tentativa de fazer elo consciente entre passado, presente e futuro. Independente do sujeito planejar ou não, há um fluxo do tempo. Planejar é tentar intervir neste fluxo, no devir.

Vasconcelos (1995, p 35), afirma que o planejamento de uma aula consiste na proposta de trabalho do professor para um determinado dia letivo, correspondendo ao nível de maior detalhamento e objetividade do processo ensino-aprendizagem.

Diante do exposto, o planejamento consiste em estabelecer metas, realizar ações no sentido de alcançar aquilo que se pretende. Sua aplicação e obtenção do melhor resultado, depende da auto análise realizada no caso pelo professor, num movimento de reflexão constante sobre o que fazer e como fazer para que sua ação se materialize de maneira desejada.

Como bem afirma (KARLING, 1991, p.306).

Antes de se fazer qualquer plano, é preciso saber para quem se vai fazê-lo, quais são as possibilidades de dar certo e as condições que se tem para executá-lo. Não adianta fazer planejamento bonito, bem feito, mas que não pode ser executado ou que não traz resultados proveitosos. É preciso conhecer a realidade.

Desta forma conhecendo a realidade como acima citado, permite ao professor elaborar a melhor estratégia para o desenvolvimento das aulas. Contudo o professor precisa, assim como em qualquer outra profissão, estar ciente e preparado para lidar com os desafios que venham a surgir no caminho, desafios esses, que no caso da Educação Física, pode se apresentar como resistências e visões contrárias a inserção da mesma dentro da escola além do desinteresse por parte dos alunos, ou ainda falta de materiais ou de apoio da comunidade escolar.

Sabe-se que, historicamente, entre as disciplinas que compõem o currículo escolar, a Educação Física por diversas vezes faz-se valer de diversos espaços e equipamentos para promover um maior sentido e significado em suas aulas, precisa oferecer a oportunidade dos estudantes se apropriarem do conhecimento cientificamente elaborado, a partir da cultura

corporal em seus mais diferentes temas: o jogo, a dança, a ginástica, o esporte e a luta.

Assinalar à disciplina Educação Física o campo da Cultura Corporal como objeto de estudo não significa perder de vista os objetivos relacionados com a formação corporal, física, dos alunos [...]. À escola, inserida num projeto histórico superador, cabe a elaboração e socialização do conhecimento necessário à formação omnilateral. Capacidade de rendimento físico, desenvolvimento de capacidades motoras básicas, hábitos higiênicos e capacidades vitais e esportivas são absolutamente dependentes das condições materiais de vidas dos indivíduos... (ESCOBAR e TAFFAREL, 2009, p. 174).

Contudo, percebe-se que em grande parte das escolas os espaços estão cada vez mais reduzidos e limitados, e aqueles que existem para as aulas de Educação Física, na maioria das vezes, são constituídos por espaços ociosos na escola e/ou por espaços com pouca iluminação e ventilação, aspectos que vão à contramão das recomendações indicadas pelo Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Texeira (INEP, 2013).

Unido a isso, temos escolas que possuem poucos materiais para a prática efetiva, dos mais diferentes conteúdos da Educação Física escolar, que se presentes contribuiriam para que os alunos pudessem vivenciar uma diversidade de movimentos, experimentar uma variação das atividades, seja ela envolvendo o jogo, a dança, a luta, esporte e brincadeiras. De acordo com os indicadores de qualidade na educação, os

[...] ambientes físicos escolares de qualidade são espaços educativos organizados, limpos, arejados, agradáveis, cuidados, contendo, arvores, móveis, equipamentos e materiais didáticos adequados à realidade da escola, com recursos que permitam a prestação de serviços de qualidade aos alunos, aos pais e à comunidade, além de boas condições de trabalho aos professores, diretores e funcionários em geral (BRASIL, 2013a, p. 41).

Desta forma há de considerar pela gestão escolar, atenção para o bom aproveitamento dos recursos existentes, pois, muitas vezes, o que se tem pode ser insuficiente, no entanto é preciso cuidar para que tudo o que se tem seja bem aproveitado, e não permita o esvaziamento do currículo escolar na valorização de saberes espontâneos. Torna-se necessária uma organização que favoreça o convívio entre as pessoas, que seja flexível e conte com as

condições suficientes para o desenvolvimento das atividades de ensino e aprendizagem. A qualidade dos recursos, ou seja, se esses recursos respondem às necessidades do processo educativo e do envolvimento da comunidade e se estão organizados, bem cuidados e bonitos. Deste modo, três itens indicadores são fundamentais para analisar o ambiente físico escolar: Suficiência; qualidade e bom aproveitamento, conforme orientações do Fundo de Fortalecimento da Escola (Fundescola) (MORAES, 2002).

Segundo Saviani (2016), compete ao currículo atividades que a escola não pode deixar de desenvolver, ou seja, atividades essenciais, para não deteriorar sua especificidade. Esta proposição de Saviani, a seleção dos conteúdos escolares subordina-se à intencionalidade pedagógica, que por sua vez conecta-se à prática social:

Se os conhecimentos produzidos socialmente, no que se refere à educação, não interessam por si mesmos e se o conjunto dos saberes mobilizados pelo educador se articulam em função do objetivo propriamente pedagógico que se liga ao desenvolvimento do educando, então não são os saberes, enquanto tais, que determinam a construção dos currículos escolares. Ao contrário disso, são os objetivos educativos que determinam a seleção dos saberes que deverão compor a organização dos currículos. (SAVIANI, 2016, p.71).

Na área da Educação Física escolar, podemos baseados em Xavier (1986, p. 33), apontar os seguintes benefícios que a prática da Educação Física traz ao estudante: aumento do interesse; concentração e motivação para a prática educativa; facilitação na compreensão e fixação de informações complementares; experimentação concreta de movimentos e objetos relacionados com os conteúdos programáticos; estímulo à observação, imaginação e criatividade; visualização de conhecimentos práticos e concretos a partir de noções teóricas e abstratas; aproximação do aluno com a realidade social em que vive.

No entanto as escolas necessitam se materializarem em locais adequados para melhor viabilizar sua tarefa social de formação das novas gerações. Nessa direção, o documento das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Básica (BRASIL, 2013b, p. 91) vai preconizar a

[...] necessidade de uma infraestrutura e de formas de funcionamento da instituição que garantam ao espaço físico a

adequada conservação, acessibilidade, estética, ventilação, insolação, luminosidade, acústica, higiene, segurança e dimensões em relação ao tamanho dos grupos e ao tipo de atividades realizadas. (BRASIL, 2013b, p. 91).

De acordo com MATOS (2005, p. 15)

O espaço físico escolar é facilitador para a busca do senso crítico e da autonomia corporal, capaz de possibilitar ao educando formas de expressão da sua cultura e de suas vivências sociais, afetivas e motoras, sejam estes espaços, quadras esportivas, piscinas, salas, pátios etc.

O espaço escolar atua como facilitador a prática pedagógica contribuindo diretamente como acima citado no desenvolvimento das capacidades do educando, a forma como ele se expressa, o aprimoramento da compreensão, as formas de vivências com os indivíduos ao seu entorno, a autonomia na realização de suas ações, todas essas habilidades podem sofrer influências em relação ao espaço.

O professor para desenvolver um bom trabalho precisa desse espaço facilitador, para que o principal objetivo da disciplina e das aulas seja alcançado, que é o desenvolvimento de um ser capaz de criticar e de pensar sobre as diversas situações postas ou ainda a passar, seja na escola ou em outro contexto social. O aluno precisa ter um pensamento crítico para que possa manifestar sua cultura de maneira segura e que aprenda a valorizar e respeitar todas as diferenças que venham a vivenciar.

Tal objetivação perpassa pelo ensino da Educação Física através da concepção de desenvolvimento humano, a luz da cultura e do processo humanizador contribuindo assim, significadamente na construção social e no entendimento da cultura corporal na escola.

A intervenção pedagógica do professor de Educação Física, na perspectiva que defendemos, comporta um desafio: organizar o ensino para que seus estudantes realizem o direito de conhecer, de provar, de criar, de recriar e de reinventar, de fazer de muitas maneiras, de brincar com essas práticas, garantindo-lhes a expansão de suas experiências com esse rico patrimônio cultural. Em outras palavras, a Educação Física tem potência para ser um tempo de fruir, de usufruir, de viver e de produzir essa cultura, um lugar de enriquecer a experiência humana, posto que essas práticas são possibilidades afetivas, lúdicas e estéticas de apreender e entender o mundo – e de agir nele (VAGO, 2009. P. 35).

A Educação Física tem como objetivo trabalhar elementos da cultura corporal desde sua essência, resignificando aspectos históricos em torno das práticas corporais que foram sofrendo transformações ao longo do tempo no sentido de cada vez mais qualificar as práticas educativas de forma organizada, consistente e humanizadora.

Assim, os conteúdos devem se voltar ao mais elevado desenvolvimento do sujeito, sendo a escola o espaço institucionalizado para a socialização do saber humano traduzido em saber escolar, e que deve ser transmitido nas formas mais adequadas à sua apropriação SAVIANI, 2003 (apud. Marsiglia e Martins 2013 p.20)

Essa perspectiva contrapõe, a antiga concepção da Educação Física Escolar, onde se tinha uma visão de “uma disciplina responsável apenas pela prática de treinamento desportivo e pela prática recreativa e/ou de lazer” (BARBOSA, 2001 p. 17), sem se interessar com a real finalidade e importância da disciplina. Via-se apenas como aula de recreação.

Está ótica permeou por muito tempo a percepção de muitos pais e professores de outras áreas do conhecimento em relação à Educação Física e que pode-se ainda haver nos tempos atuais a compreensão que a Educação Física resume-se a brincadeira, passatempo. Essa percepção pode ser compreendida, muitas vezes, por conta das limitações correlacionadas a infraestrutura onde a falta de espaços, recursos leva alguns professores a deixar de dar os conteúdos da Educação Física, resultando as vezes no “rolar bola” ou apenas no “queimado”.

SAES (2012) nos traz o seguinte entendimento que “a escola deve ser um espaço de troca de experiências, de aprendizagens, de sustentação de sonhos e desejos, de criatividade, de ajuda mútua, de forma que os educandos entrem em contato com a realidade, encontrem o seu caminho”[...].

Para tanto, o espaço escolar tornar-se de fato em um espaço educativo, faz-se necessário que seus componentes matérias sejam adequados as propostas pedagógicas. Mais ainda, que seja um espaço convidativo à permanência dos alunos, que possua uma arquitetura que crie facilidades e não impedimentos para os trabalhos pedagógicos. Enfim, que estejam

sintonizados com a educação e traga sinergia entre pessoas, atividade e ambiente.

### **3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

#### **3.1 CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA**

Trata-se de um estudo descritivo de natureza qualitativa. Minayo (2008, p.21) entende que a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, “com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes”), o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

MINAYO (2008) destaca que na pesquisa qualitativa, o importante é a objetivação, pois durante a investigação científica é preciso reconhecer a complexidade do objeto de estudo, rever criticamente as teorias sobre o tema, estabelecer conceitos e teorias relevantes, usar técnicas de coleta de dados adequadas e, por fim, analisar todo o material de forma específica e contextualizada. Para a referida autora, são os métodos e técnicas adequados que permitem a produção de conhecimento aceitáveis e reconhecidos.

A autora ressalta que as abordagens qualitativas são mais adequadas a investigações científicas de grupos, segmentos delimitados e focalizados, de histórias sociais sob o ponto de vista dos atores sociais, de relações e para análises de discursos e documentos. O método qualitativo envolve a empiria e uma sistematização progressiva do conhecimento até que a compreensão da lógica interna do grupo seja desvelada.

#### **3.2 IDENTIFICAÇÃO DO CAMPO**

A cidade do Jaboatão dos Guararapes localiza-se na Região Metropolitana do Recife – RMR (composta por 17 municípios, envolvendo, além do próprio Jaboatão dos Guararapes, as cidades de Olinda, Paulista, Igarassu, Abreu e Lima, Camaragibe, Cabo de Santo Agostinho, São Lourenço

da Mata, Araçoiaba, Ilha de Itamaracá, Ipojuca, Moreno, Itapissuma, Recife, Goiana, Sirinhaém e Escada).

Situado no litoral do Estado de Pernambuco, tem uma extensão territorial de 258,6 km<sup>2</sup>, localiza-se acerca de 14 km da capital. Limita-se ao Norte com os municípios de Recife e São Lourenço da Mata; ao Sul com o município do Cabo de Santo Agostinho; a Leste com o Oceano Atlântico e a Oeste com o município de Moreno. Sua população está estimada em torno de 706.000 mil pessoas. Em sua rede educacional, o município conta com aproximadamente 146 escolas conforme o Quadro 1, abaixo:

**Quadro 1-** Número de Unidades Escolares Municipais do Jaboatão dos Guararapes.

<b>DISTRIBUIÇÃO POR REGIÃO</b>	<b>ESCOLAS (Nº)</b>	<b>ANEXOS (Nº)</b>	<b>CRECHES (Nº)</b>	<b>CMEI (Nº)</b>	<b>INTEGRAL (Nº)</b>
<b>JABOATÃO CENTRO</b>	35	03	02	02	02
<b>CAVALEIRO</b>	24	05	02	01	02
<b>CURADO</b>	10	01	01	01	01
<b>MURIBECA</b>	11	02	01	01	00
<b>PRAZERES</b>	22	00	00	03	01
<b>PRAIAS</b>	25	01	01	02	03
<b>GUARARAPES</b>	19	04	01	01	01
<b>TOTAL</b>	<b>146</b>	<b>16</b>	<b>08</b>	<b>11</b>	<b>10</b>

**Fonte:** Prefeitura do Jaboatão dos Guararapes/PE – março/2020.

### 3.3 PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

A presente pesquisa foi inicialmente pensada para realização de entrevista com os professores de Educação Física que participaram do vídeo<sup>6</sup>

<sup>6</sup> <https://sinproja.com.br/>

denúncia produzido pelo Sindicato de Professores do Jaboatão dos Guararapes- PE, no sentido de aprofundar as questões acerca da prática pedagógica e seus conflitos nas experiências relatadas.

Este vídeo denunciou as precárias condições dos espaços físicos para realização das aulas de Educação Física em diferentes escolas, tendo como amostra 17 das 139 unidades de ensino da Rede no período de sua produção, publicado nas redes sociais e Canal do *Youtube*, bem como no próprio site do sindicato, em que professores de Educação Física, gestores e funcionários das escolas, relatam suas experiências pedagógicas num caótico quadro em que se encontram as escolas onde lecionam.

Desse modo, entramos em contato com o SINPROJA e a própria Secretaria de Educação do Município para obter dados das próprias escolas, informações acerca da educação no município, bem como contato dos professores de Educação Física para realizarmos o estudo. Já havíamos conseguido o contato dos professores, porém, fomos afetados pela pandemia provocada pelo COVID19 no ano de 2020, que paralisou a vida no mundo inteiro, provocando, entre as diferentes atividades produtivas, o fechamento das escolas, cujo impacto já trouxe consequências para as aprendizagens dos alunos, com repercussão durante duros longos anos, sobretudo em países como o Brasil. Quer dizer, além das questões estruturais já descritas na introdução deste trabalho, teremos o impacto da pandemia na educação e na Educação Física, a ser aprofundado em outros estudos.

O fato é que tivemos que reestruturar o estudo, e utilizamos como instrumento de coleta de dados o próprio vídeo-denúncia do SINPROJA, seguindo as fases recomendadas por Powell, Francisco e Maher (2004); Lima (2015):

- ✓ Fase 1: Assistir aos vídeos;
- ✓ Fase 2: Selecionar os eventos críticos;
- ✓ Fase 3: Descrever os eventos críticos;
- ✓ Fase 4: Transcrever os eventos críticos;
- ✓ Fase 5: Discutir os dados encontrados;

A primeira fase trata-se de **assistir ao vídeo** por completo sem a intenção de registrar acontecimentos ou relatar fatos do vídeo. Essa fase permite que o pesquisador se familiarize com o vídeo, reconheça os sujeitos, entenda sobre o que eles estão discutindo entre outras coisas.

Na segunda fase, o pesquisador faz a **seleção dos eventos críticos**, ou seja, assistir ao vídeo no segundo momento com um olhar clínico - diferente ao empregado na primeira fase - na busca de momentos que podem ser interessantes para a pesquisa em questão. Essa segunda passagem pelo vídeo permite ao pesquisador uma observação mais qualificada onde podem surgir resultados não antes previstos, o que é algo relevante para o momento de análise dos dados.

Para Powell, Francisco e Maher (2004) eventos são “sequências conectadas de expressões e ações” (p. 104) que, no contexto da pesquisa, requerem explicação e estudo dos sujeitos e/ou pesquisadores envolvidos. Para eles,

um evento é chamado crítico quando demonstra uma significativa ou contrastante mudança em relação a uma compreensão prévia, um salto conceitual em relação a uma concepção anterior. Eventos críticos são contextuais. Um evento é crítico em sua relação a uma questão particular perseguida pela pesquisa. Assim, uma instância na qual os aprendizes apresentam uma explicação matemática ou argumento, pode ser significativa para uma questão de pesquisa preocupada com a construção de justificção matemática ou demonstração pelos estudantes e, como tal, pode ser identificada com um evento crítico. (POWELL; FRANCISCO; MAHER, 2004, p. 104-105).

A terceira fase **descreve-se o que acontece nos eventos críticos**. Essa descrição acontece em duas partes. Na primeira, o(s) pesquisador(es) devem relatar em textos curtos o que acontece em tal situação. Essa primeira parte auxilia na localização do pesquisador dentro do vídeo, pois os textos curtos sinalizam a principal ideia do evento crítico. Na segunda parte, é preciso que o(s) pesquisador(es) façam descrições mais elaboradas dos eventos críticos. Isso exige que os vídeos, ou ao menos os eventos críticos sejam assistidos mais uma vez, o que pode ser considerado um ponto forte do modelo aqui proposto. Seria esta uma forma de confirmação.

Sobre descrição dos eventos críticos, Powell, Francisco e Maher (2004) destacam que

[...] devido à intensidade da mídia, o uso de dados de vídeo resulta frequentemente numa enorme quantidade de informação. Para propósitos analíticos, isso leva ao desafio de não apenas se familiarizar com o conteúdo dos dados do videoteipe, mas também de conhecê-lo em seus mínimos detalhes. (p. 102).

Assim sendo, a descrição dos dados permite a compreensão dos mínimos detalhes, fazendo com que essa fase seja de suma importância para a análise dos dados como um todo. Como mostra no Quadro 2:

**Quadro 2** - Descrição dos eventos críticos.

<b>NOME DA ESCOLA</b>	<b>PARTICIPANTES DO VÍDEO</b>	<b>EVENTOS CRÍTICOS</b>
<b>Escola 1</b>	<b>Professora A</b>	As aulas de Educação Física ocorrem nos corredores que dão acesso as salas. É um espaço de frequente interrupção, pois trata-se da passagem de pessoas e dos demais estudantes. Também ocorre dispersão dos alunos, pois o muro da escola é baixo e acaba tirando a atenção dos estudantes com as pessoas que passam na rua.
<b>Escola 2</b>	<b>Supervisor</b>	A prática educativa se dar em uma área aberta pequena de chão batido sem nenhuma demarcação.
<b>Escola 3</b>	<b>Agente de Manutenção em Infraestrutura Escolar</b>	A fachada é toda pichada, não tem espaço para as atividades. Os estudantes para ter acesso as vivências e aos conteúdos da Educação Física, precisam acostumarem com o mal cheiro oriundo das fezes de animais que tem no entorno da escola.
<b>Escola 4</b>	<b>Professor B</b>	A escola possui uma área aberta, tipo um pátio, com um piso todo irregular, danificado com água empossada, sem nenhuma marcação no chão, ou equipamento.
<b>Escola 5</b>	<b>Professor C</b>	A escola tem paredes sujas, mato alto e está localizada em uma comunidade que tem grandes problemas de saneamento básico.
<b>Escola 6</b>	<b>Professor D</b>	A escola tem um muro muito baixo, praticamente colado a outros imóveis.
<b>Escola 7</b>	<b>Professora F</b>	O professor para dar sua aula, precisa se deslocar com os alunos por uma estrada de terra que passa por um local de vegetação alta até chegar na área descampada.

A partir do momento em que os dados estão descritos, podemos partir para a quarta fase, que é a **transcrição** propriamente dita. Nessa fase, é preciso ouvir/assistir aos eventos críticos e registrar, em forma de texto, tudo que os participantes do vídeo falam.

Transcrever vídeos, conforme Garcez, Duarte e Eisenberg (2011) é a ação de transformar o que se ouve ou ver (palavras, músicas, sons, imagens, objetos, etc.) em textos escritos. A transcrição e a utilização de vídeo vêm sendo usados em pesquisas na área da educação e tem sido um importante instrumento de pesquisa.

Segundo Clement (2000) apud Powell, Francisco e Maher (2004, p. 86)

o vídeo é um importante e flexível instrumento para coleta de informação oral e visual. Ele pode capturar comportamentos valiosos e interações complexas e permite aos pesquisadores reexaminar continuamente os dados. Ele estende e aprimora as possibilidades da pesquisa observacional pela captura do desvelar momento-a-momento, de nuances sutis na fala e no comportamento não verbal. E é superior às notas do observador, uma vez que não envolve edição automática.

Ou seja, vídeos, como instrumento metodológico, permitem ao(s) pesquisador(es) observar detalhes que, talvez, passem despercebidos no decorrer por exemplo de uma pesquisa de campo. Nesse sentido, entendemos, que os vídeos possuem extrema importância para as pesquisas no âmbito da Educação Física.

A quinta fase trata de **discutir os eventos críticos**, momento em que o pesquisador faz uma reflexão dos dados transcritos e a análise dos mesmos. Desta forma, baseado nas fases acima descritas, de forma criteriosa, realizamos cada uma dessas etapas a partir do *vídeo-denúncia* produzido pelo SINPROJA, pelo qual selecionamos e descrevemos os eventos críticos, e posteriormente fizemos a transcrição, reflexão e análise dos dados obtidos.

#### **4. ANALISANDO OS DADOS: O QUE DIZEM OS SUJEITOS DA PESQUISA?**

Neste capítulo do trabalho, busco analisar como se desenvolve a prática pedagógica dos professores de Educação Física, frente à ausência de espaços adequados para realização de aulas.

Partilhamos da ideia de que, a prática pedagógica do(a) professor(a) de Educação Física é extremamente complexa, pois envolve buscar solucionar problemas estruturais na educação que implicam em políticas públicas mais amplas e substanciais em termos de investimentos financeiros, através de um esforço grande, usando a criatividade, adaptando e (re)adaptando os planejamentos das aulas, para suprir tais lacunas.

Sendo assim, no percurso deste estudo, as falas dos participantes do vídeo trouxeram elementos que foram interpretados, e dessa forma, contribuíram para reconhecer os limites da prática pedagógica no cotidiano da escola. Desta forma, procuramos organizar os eventos críticos que foram citados pelos participantes do vídeo. As interpretações que seguem, foram construídas a partir da triangulação dos grupos de análises, com a transcrição das falas dos participantes da denúncia, da seleção dos eventos críticos e com o referencial teórico utilizado no estudo.

Os três grupos de análises que foram construídos e (re)construídos a partir da transcrição das falas dos participantes do vídeo são:

a) **Recursos** – envolve as questões referentes aos espaços físicos e aos materiais didáticos que a escola dispõe para o desenvolvimento das atividades educativas;

b) **Interferências** – aborda as questões que interferem diretamente na organização da aula, como: a condição climática, utilização de espaços extra-escolares e o saneamento básico. Ou seja, equivale a todo evento que decorre no ambiente e intercede e/ou gera impossibilidade no desenvolvimento da ação pedagógica;

c) **Prática pedagógica** – trata das questões que implicam no reconhecimento da Educação Física como componente curricular, em estratégias didáticas criativas, assim como a conscientização/empoderamento e o engajamento dos estudantes na organização das atividades como forma de superação;

#### 4.1 RECURSOS/ ESPAÇOS FÍSICOS - MATERIAIS DIDÁTICOS

Este grupo foi construído a partir das falas dos participantes do vídeo-denúncia postado no site do SINPROJA e nos canais sociais. Analisando as falas a partir da transcrição e observando o vídeo, nos chamou a atenção alguns aspectos relacionados aos diversos espaços físicos apresentados pelos sujeitos. Através das interpretações das informações obtidas, pudemos perceber que as ações docentes são fortemente influenciadas em função da infraestrutura e da ausência e/ou insuficiência de recursos e materiais.

Entendemos que o espaço da escola não apenas como um lugar que abriga alunos, livros, professores, mas um ambiente em que se realizam atividades de aprendizagens. O espaço, por si só, é educativo e contém “conteúdos”. A escola, portanto, é mais do que uma estrutura física/material, é produção de aprendizagem que envolve relações sociais de formação de pessoas. Há uma docência do espaço.

Cabe ressaltar que o espaço é uma das dimensões mais negligenciadas na maioria das escolas em nosso país, especialmente por parte das políticas públicas, tendo em vista a quase exclusiva preocupação com o alto custo de construção e manutenção de edificações, geralmente por ignorarem ou minimizarem sua relevância para a prática pedagógica, como mostra o Censo<sup>7</sup> (2019) já citado anteriormente.

No que tange aos recursos, espaços e matérias, o trabalho do professor de Educação Física se depara com um problema:

O espaço escolar é fundamental para a formação do ser humano devendo ser elemento de atenção na relação dinâmica entre usuário e o ambiente, precisa estar em constante movimento de reestruturação, portanto, as questões pertinentes à interação entre espaço físico, atividades pedagógicas, comportamento humano devem ser consideradas prioritárias no processo de elaboração do projeto (BELTRAME e MOURA, 2011, p.4).

Nesse sentido, os sujeitos da pesquisa (professores de Educação Física; supervisores pedagógicos; funcionários da escola) se deparam sempre, ao

---

<sup>7</sup> De acordo com o Censo Escolar - 2019, em relação à infraestrutura e os espaços pedagógicos como quadra de esporte e pátio (coberto ou descoberto), 68,6% das escolas municipais do país não contam com esses espaços.

relatar as precárias condições da escola, a necessidade de melhor equipar os espaços físicos para qualificar as experiências pedagógicas e de aprendizagem dos estudantes.

Sobre esse aspecto, os participantes do vídeo são unânimes em dizer que os espaços físicos e materiais são inadequados para realização das aulas:

“Então, assim [...] é uma situação bem complicada, sem falar na questão de material que também a gente trabalha com os recursos bem limitados”. **Professora A**

“mas é um espaço inadequado com pedras, os meninos se furam, cortam o pé, e a gente pede pra que isso seja melhorado. Eu acho que tem que melhorar, a gente não pode viver uma realidade desta na educação física”. **Supervisor**

“As dificuldades que o professor de educação física tem em aplicar suas aulas, é os espaços que aqui não tem adequado pra que ele execute”. **Agente em Manutenção e Infraestrutura Escolar**

“É a infraestrutura, que nós não temos uma quadra coberta. [...] E segundo, mas não menos importante, materiais também didáticos para as atividades. Mas não recebemos materiais para tal”. **Professor B**

“a gente não pode utilizar o espaço total da quadra. Então seria ideal uma cobertura, um piso mais adequado”. **Professor C**

“a gente não tem nenhum espaço que dê para fazer é [...] atividades com o futebol, vôlei. [...] Uma das prioridades que a gente tem aqui, que seria pra pedir, seria uma tela”. **Professora D**

“A dificuldade nossa é o espaço físico, que é pequeníssimo”. **Professor E**

A partir do que disseram os participantes do vídeo, constatamos a precariedade na infraestrutura das escolas no que refere aos espaços físicos e aos materiais para o desenvolvimento das atividades educativas pelos professores de Educação Física, e nesse sentido, compartilho com as palavras do Supervisor ao dizer, “a gente não pode viver uma realidade desta na Educação Física”.

Conforme Bracht (2003) nos aponta é necessário que aja locais adequados para o desenvolvimento das práticas pedagógicas, pois quando

ausentes e/ou insuficientes podem incorrer em comprometimento no ensino-aprendizagem.

Observando a fala do professor D percebemos que, a falta de espaço físico, alguns conteúdos que fazem parte do currículo da Educação Física deixam de ser trabalhados como o vôlei e o futebol. Quanto a isso, Matos (2005) destaca que nenhum conteúdo deve deixar de ser ministrado em virtude da falta de estrutura.

Contudo, na realidade escolar ora apresentada, temos duas questões a serem refletidas. A primeira é que, de fato, para trabalharmos os esportes, tal qual se mostra em nossa cultura, precisamos no mínimo das marcações da quadra/campo/pátio para não fazermos de conta que ensinamos o esporte (ASSIS DE OLIVEIRA, 2001).

Por outro lado, é importante que o professor reconheça, no ensino do esporte, da dança, da ginástica, da luta e do jogo, o fenômeno social que representam, e suas particularidades para superar sua negação enquanto conteúdo nas aulas.

#### **4.2 INTERFERÊNCIAS/ CONDIÇÃO CLIMÁTICA**

A arquitetura escolar, no olhar de Dayrell (1996) apud Oliveira (2008), é o cenário onde se desenvolve o conjunto das relações pedagógicas, ampliando ou limitando suas possibilidades. Mesmo que os professores e também os alunos o ressignifiquem, existe um limite que muitas vezes restringe a dimensão educativa da escola.

Com relação às dificuldades encontradas pelos professores a respeito da ocupação dos espaços físicos, a partir das interferências, os dizeres dos professores são categóricos sobre as condições climáticas:

“a gente tem que torcer! tem que ficar pedindo para que esteja sempre fazendo sol, e mesmo quando faz sol, os meninos levando, a gente também levando, aquele sol o dia todo”.

**Professora A.**

“quando chove aqui próximo mesmo, tem uma vacaria que a vaca deixa dejetos e fezes num caminho, e ele tem que se deslocar para um campo de futebol que tem aqui mais ou menos uns 150 metros. E lá quando chove fica molhado e

também não há condições de trabalhar com as crianças”.  
**Agente em Manutenção e Infraestrutura Escolar**

“As aulas vão de sete da manhã ao meio dia aproximadamente e o sol durante o dia é altamente prejudicial para a saúde dos alunos e das alunas”. **Professor B**

“Qualquer chuva ou mesmo sem chuva, por exemplo, hoje um dia de sol a quadra ta cheia de lama, por que a água escorre por aqui e adentra a quadra, a água de esgoto, a água suja. [...] **Professor C.**

“inclusive na casa aqui da vizinha acontecem muitas quedas de bola lá nessa casa”. **Professora D.**

“... e levamos os estudantes para fazer em outros espaços fora da escola. Esse espaço, ele na cheia foi invadido pelas águas do rio Jaboação que passa por aqui próximo e danificou o campo, não tem mais condição de trabalho nenhum. [...] no período de inverno a situação ficou difícil de ser trabalhada, porque o mangue sob e toma todo o espaço **Professor E.**

É possível identificar a partir das falas, as eventuais situações que independem da vontade do docente. São situações externas, as condições climáticas como o sol forte, as chuvas que provocam um lamaçal com dificuldade de deslocamento para realização das aulas. E na pior das hipóteses, as enchentes que inundam os espaços escolares.

Mas, não só isso! Os(as) participantes da pesquisa também destacam suas preocupações com o que pode vir a comprometer a saúde dos estudantes. Como afirma o professor B ao dizer “que o sol é altamente prejudicial”, principalmente no horário e tempo de exposição descrito, e os demais que destacam o contato das crianças com fezes de animais, o esgoto que corre dentro da escola/quadra quando chove. Consideramos isso uma falta de responsabilidade das autoridades públicas para lhe dar com essa carência nas comunidades em que as escolas estão inseridas. Cabe destacar o esforço em buscar construir vivências com os estudantes explorando outros espaços, já que a escola não dispõe. Visto no trecho da fala do professor E como também na fala do Agente em Manutenção e Infraestrutura Escolar.

Outra questão que também interfere na organização das aulas de Educação Física é a proximidade dos espaços físicos com as casas vizinhas, onde cai à bola, como cita a professora D, e que, embora não relatado, afeta a

organização do tempo da aula que tem que parar para ir buscar, ou na possível indisposição para devolução do material, conseqüentemente prejudicando o desenvolvimento das aulas.

Percebemos na fala do professor C que os problemas não estão limitados apenas aos fatores externos, mas também a questões internas, como a própria capinação do espaço físico. São questões que envolvem gestão escolar, na manutenção e conservação do patrimônio público, e que vão na contramão do que preza os indicadores de qualidades.

De acordo com (BRASIL, 2013<sup>a</sup>, p. 41) os espaços educativos devem ser “organizados, limpos, arejados, agradáveis, cuidados, contendo, arvores, móveis, equipamentos e materiais didáticos adequados à realidade da escola, com recursos que permitam a prestação de serviços de qualidade aos alunos”.

#### **4.3 PRÁTICA PEDAGÓGICA/ENGAJAMENTO – COMPONENTE CURRICULAR - CRIATIVIDADE.**

Veiga (2008) defende a aula como um projeto colaborativo que vai além da simples cooperação entre professores. “No trabalho colaborativo, as relações tendem a ser não-hierárquicas, havendo liderança compartilhada e co-responsabilidade pela organização didática da aula, como projeto” (VEIGA, 2008, p. 271).

É através da concepção de aula adotada pelo professor que ele conduzirá a organização e o desenvolvimento da sua aula, estabelecendo seus objetivos, sua finalidade e seu compromisso com a formação humana dos estudantes.

Entretanto, vale ressaltar que os(as) professores(as) de Educação Física se deparam com desafios que extrapolam questões meramente didático-metodológicas na concepção, organização e desenvolvimento da aula na educação escolar.

Sendo assim a prática pedagógica trata-se de algo muito maior do que o simples fazer diário do(a) professor(a), ela reflete sua visão de mundo, de sociedade, de homem. Tudo isso contribui na ação de ensino no contexto escolar. E, em consonância com Veiga (2008) entendemos que,

[...] o lado objetivo da prática pedagógica é constituído pelo conjunto de meios, o modo pelo qual as teorias pedagógicas são colocadas em ação pelo professor. O que as distingue da teoria é o caráter real, objetivo, da matéria-prima sobre a qual ela atua dos meios ou instrumentos com que se exerce a ação, e de seu resultado ou produto. Sua finalidade é a transformação real, objetiva de modo natural ou social, satisfazer determinada atividade humana (VEIGA, 2008, p. 17).

Dessa forma, a prática é que possibilitará ao professor(a), a efetivação dos conhecimentos adquiridos no campo teórico, de modo que ele possa avaliar constantemente suas ações enquanto profissional comprometido com a melhoria da qualidade do processo de ensino-aprendizagem de seus estudantes, numa perspectiva de trabalho inerente ao exercício da ação-reflexão-ação.

Dito isso, buscamos saber: como se materializa esta prática? Os dizeres dos participantes do vídeo mostram o seguinte:

“a gente tenta né! usar a criatividade. É como dizem o professor de educação física tem que ser criativo, mas também tudo tem um limite”. **Professora A**

“a gente precisa da melhoria né, porque a educação física faz parte da grade curricular. [...] Hoje a gente não tem, a gente tem um espaço improvisado onde os professores, realmente eles, dão de tudo, eles improvisam realmente esse espaço pra o aluno”. **Supervisor**

“É uma aula que visa à saúde, a promoção da saúde [...] por parte dos alunos uma atividade que era para ser saudável acaba adoecendo”. **Professor B**

“Os próprios alunos se reúnem, a gente faz uma mobilização para tentar tirar um pouco que dá ali, pro resto da aula”. **Professor C**

“O que eu conseguir fazer com as crianças aqui, foi um projeto assim [...] meio da ideia deles, que fizeram um abaixo assinado solicitando que pelo menos uma quadra fosse construída [...] praticamente todas as atividades são adaptadas”. **Professora D**

Partimos da ideia de ser criativo, no sentido de inovar ou renovar o conteúdo de ensino para assim, com os estudantes, desenvolver comportamentos singulares que contribuam para a produção criativa e encorajamento do processo criativo em sua totalidade.

Oliveira e Alencar (2008) chamam a atenção para comportamentos típicos do professor estimulador da criatividade, como: encoraja o estudante a aprender de forma independente e a dominar o conhecimento, de tal forma que tenham uma base sólida para propor novas ideias; encoraja o pensamento flexível e considera as sugestões e questões deles; dá oportunidades para trabalhar com uma diversidade de materiais e sob diferentes condições, ajudando cada um deles a aprender com a frustração e o fracasso, de tal forma que tenham coragem para tentar o novo e o inusitado.

Isso nos mostra que as condições motivadoras e facilitadoras fazem a diferença para efetivar a criatividade, sobretudo quando o professor é deliberadamente envolvido, além de ser apaixonado pelo que faz.

Entretanto, da forma vista, a criatividade fica restrita e exclusiva a necessidade de minimizar ausência e/ou insuficiência de elementos importantes que compõem o currículo, presentes e observado nas falas da Professora A que busca ser criativa, mas reconhece os limites de tal ação.

O Supervisor, quando cita o ato de improvisar, como algo criativo, demonstra certa ironia, pois a criatividade não substitui de forma íntegra uma aula, organizada, planejada. Como bem afirma Silva e Damazio (2008, p. 10) “Os esforços dos professores, por mais criativo que sejam e diante dos mais belos ideais educativos, podem fracassar, caso não encontrem espaços e condições materiais para concretização de seus planos de trabalho”.

Pegando o trecho da fala do supervisor ao citar que a Educação Física faz parte da grade curricular, entendemos que a mesma deva ter o seu devido reconhecimento e o seu local de atuação e que nesse local. Os conteúdos devam se voltar ao mais elevado desenvolvimento do sujeito, como afirma Saviani (2003).

É através da apropriação do conhecimento científico que os componentes curriculares da escola abordam no dia a dia da sala de aula, que os estudantes interpretam a realidade que vivem. Sem esses conhecimentos ficamos, como nos dias atuais, duvidando da ciência, e acreditando em fake news, e isso nos impede de nos tornar pessoas humanizadas.

Portanto, o papel da Educação Física como componente curricular é elevar o desenvolvimento dos sujeitos escolares, a partir dos temas da cultura corporal relacionados ao jogo, a dança, a luta, ao esporte e a ginástica.

E nesse intento a promoção da saúde dita pelo professor B não engloba a Educação Física da escola em seu sentido amplo, mas indica, como bem diz o professor, a importância de abordagem do tema nas aulas.

No tocante ao engajamento dos alunos, consideramos que a ação pedagógica deva propiciar ao aluno o desenvolvimento do senso crítico, para que os mesmos possam olhar a realidade para além da superficialidade, e dessa forma, atuar consciente, seja reivindicando como no caso da professora D ou se unindo de forma participativa como no caso do professor C.

Cada um desses relatos demonstram como a prática pedagógica do professor(a) de Educação Física se fragiliza, ao mesmo tempo em que, quantas práticas são reiventadas, ressignificadas em parceria com os estudantes na escola, fortalecendo a relação professor(a) x estudante em busca de uma melhor experiência das aulas na escola. Tudo isso nos leva a perceber as nuances que envolvem a ação docente.

## **5. LIMITES E POSSIBILIDADES DO TRATO COM O CONHECIMENTO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA – Apontamentos Conclusivos**

Nesta pesquisa buscou-se investigar como se desenvolve a prática pedagógica dos professores de Educação Física, frente à ausência de espaços adequados para realização de aulas.

Diante da realidade observada, podemos apontar para a questão do espaço físico, das instalações e da falta de materiais como fatores que podem comprometer de modo significativo o trabalho pedagógico da educação física. Numa reflexão mais ampla sobre o ensino da educação física nas escolas públicas, constatamos outros aspectos que também trazem limitações: o valor social atribuído à disciplina, a atuação do professor, a organização administrativa da escola, entre outros.

Identificamos, mais uma vez, nos limites deste trabalho, que a prática pedagógica e a seleção dos conteúdos da Educação física por muitas vezes ficam condicionados as questões estruturais; espaço, materiais, equipamentos. Consideramos esses elementos importantes como facilitadores na organização de na operacionalização da prática pedagógica.

Contudo, cabe aqui destacar as inúmeras possibilidades que podem ser gerada no dia-a-dia do contexto escolar. Seja partindo da resignificação das aulas, do uso da criatividade para produzir novos recursos de ensino, seja buscando alternativas junto aos alunos de forma colaborativa no sentido de envolver os alunos a participarem ativamente, seja instruindo-os a criarem os próprios recursos.

Por fim, constatamos nos limites dessa pesquisa a necessidade de qualificar as experiências pedagógicas dos estudantes, assim como (re)estruturar e (re)aparelhar as escolas, no sentido de ofertar espaços adequados para que os alunos possam ter acesso ao mais rico patrimônio cultural.

## REFERÊNCIAS

APPLE, M. **Política cultural e educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

ASSIS DE OLIVEIRA, Sávio. **Reinventando o esporte**: possibilidades da prática pedagógica. Campinas: Autores Associados, chancela editorial CBCE, 2001.

BARBOSA C. de **A. educação física escolar**: as representações sociais. Rio de Janeiro: Shape, 2001.

BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física. **Caderno CEDES**, ano XIX, nº 48, p.69-89, agosto 2003.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Brasília, 1988.

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei n. 9696** de 1º de setembro de 1998.

BRASIL, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo da Educação Básica 2019: Resumo Técnico**. Brasília, 2020.

BRASIL. **Indicadores da qualidade em educação**/ ensino fundamental. Unicef | Mec | Inep. São Paulo: 2013a.

BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília, 2013b.

Beltrame, M.B.; Moura, G.R.S.; **Edificações Escolares**: infraestrutura necessária ao processo de ensino e aprendizagem escolar 2013.

CANESTRARO, Juliana de Félix; ZULAI, Luiz Cláudio; KOGUT, Maria Cristina. **Principais dificuldades que o professor de educação física enfrenta no processo ensino-aprendizagem do ensino fundamental e sua influência no trabalho escolar**, 2008. Disponível em [https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2008/872\\_401.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2008/872_401.pdf). Acesso: 12 de outubro de 2020.

DAVIS, Claudia. Oliveira. **Psicologia na educação**. São Paulo: Cortez, 1993 (segundo capítulo). Disponível em <http://cev.org.br/biblioteca/espaco-fisico-escolar-objeto-indispensavel-para-educacao-fisica/>. Acesso em: 18 de dezembro de 2020.

DE OLIVEIRA, Zélia Maria Freire; DE ALENCAR, Eunice Maria Lima Soriano. A criatividade faz a diferença na escola: o professor criativo e o ambiente facilitador da criatividade. **Revista Contrapontos**, v. 8, n. 2, p. 295-306, 2008.

DÓREA, C. R. D. Anísio Teixeira e arquitetura escolar: planejando, construindo sonhos. **Revista da FAEEBA**, Salvador, n. 13, p. 151-160, jan./jun. 2000.

FARIA FILHO, L.M. O espaço escolar como objeto da história da educação; algumas reflexões. **Revista da Faculdade de educação**. São Paulo, v. 24, n.1. jan/jun, p. 141-159,1998.

GARCEZ, A.; DUARTE, R.; EISENBERG, Z. Produção e análise de vídeo gravações em pesquisas qualitativas. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n.2, p. 249-262, mai./ago. 2011.

KARLING, Argemiro Aluísio. **A didática necessária**. São Paulo: IBRASA, 1991.

LIMA, Fernando Henrique. Um método de transcrições e análise de vídeos: a evolução de uma estratégia. **VII Encontro Mineiro de Educação Matemática (VII EMEM)**, p. 1-11, 2015.

MARTINS, Lígia Márcia. **Fundamentos psicológicos da pedagogia histórico-crítica e fundamentos pedagógicos da psicologia histórico-cultural**. *Geminal: Marxismo e Educação em Debate*, v. 5, p. 1, 2013.

MATOS, M. C. **A Organização espacial escolar e as aulas de Educação Física**. Rio de Janeiro, 2005. Monografia (em Educação Física) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

MINAYO, M. C. D. S.; (ORG.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2008.

MORAES, K. **Padrões mínimos de funcionamento da escola do ensino fundamental: Manual de implantação** – Brasília: Fundescola/DIPRO/FNDE/MEC, 2006.

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na Primeira República**. 2ª ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

OLIVEIRA, Camila Fagundes de. O espaço físico escolar a partir do olhar dos professores de educação física. *Salão de Iniciação Científica* (20.: 2008 out. 20-24. **Livro de resumos**. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

POWELL, A.; FRANCISCO, J.; MAHER, C. Uma abordagem à Análise de Dados de Vídeo para investigar o desenvolvimento de ideias e raciocínios matemáticos de estudantes. Tradução de Antônio Olímpio Junior. **Boletim de Educação Matemática -BOLEMA**. Rio Claro, n. 21, 2004

RODRIGUES, S. B. P. **Espaço escolar e cidadania excluída**. Rio de Janeiro, Revan, 2003.

ROMANELLI, O. **História da educação no Brasil (1930/ 1973)**. Petrópolis, Vozes, 2003.

SAES, D. S. A Violência nas Escolas sob a Ótica do Pensamento de D. W. Winnicott. **Construção psicopedagógica**, vol.20, n.21, p. 90-105, 2012.

SAVIANI, Dermeval. Educação escolar, currículo e sociedade: o problema da Base Nacional Comum Curricular. **Movimento**, Niterói, v. 3, n. 4, p. 54-84, 2016.

SILVA, G. O Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE) como mecanismo de descentralização financeira, participação e autonomia na gestão escolar. **Dissertação** (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2015, p.136.

SILVA, M, F. P; DAMAZIO, M. S.; **Revista pensar a pratica**, V. 11, N° 2, O ensino da educação física e o espaço físico em questão, 2008.

SOARES NETO, Joaquim José et al. Uma escala para medir a infraestrutura escolar. **Est. Aval. Educ.**, São Paulo, v. 24, n. 54, p. 78-99, jan./abr. 2013.

SOUZA LIMA, M. W. **Espaços Educativos**: usos e construções. Brasília, MEC, 1998.

DE SOUZA, Silvana Aparecida. Gestão democrática e arquitetura da escola. **Educação: Teoria e Prática**, v. 21, n. 38, p. 168-185, 2011.

TAFFAREL, Celi N. Z.; ESCOBAR, Micheli. A cultura corporal. In HERMIDA, Jorge F. (org). **A educação física**: conhecimento e saber escolar. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2009.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação não é privilégio**. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1971.

TENÓRIO, Maria Cecília Marinho; TASSITANO, Rafael Miranda; DE CARVALHO LIMA, Marília. Conhecendo o ambiente escolar para as aulas de educação física: existe diferença entre as escolas?. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, v. 17, n. 4, p. 307-313, 2012.

VAGO, T.M. Pensar a Educação Física na Escola: para uma formação cultural da infância e da juventude. **Cadernos de Formação RBCE**, p.25- 42, set.2009

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Plano de ensino-aprendizagem e projeto educativo**: elementos metodológicos para elaboração e realização. São Paulo: Libertad, 1995.

VEIGA, Ilma Passos A. (Org.). **Aula**: gênese, dimensões, princípios e práticas. Campinas, SP: Papirus, 2008. P. 45-72.

XAVIER, Telmo Pagana. **Métodos de ensino em Educação Física**. São Paulo: Manole, 1986.

## **APÊNDICE 1**

### **(TRANSCRIÇÃO DAS FALAS DOS SUJEITOS – Video-Denúncia)**

**Denúncia produzida pelo SINPROJA sobre as condições de trabalho das (os) professoras (os) de Educação Física do Município do Jaboatão dos Guararapes/PE – 2017.**

#### **Condições de Trabalho e Perspectivas de Mudança**

##### **Secretária Geral**

**FALA.** Nós fizemos uma amostragem em 17 escolas sabendo que o quantitativo de escolas de Jaboatão é 139 e a gente observa que além da falta de espaços adequados para a prática de educação física, esses professores são relegados a chuva, a sol, a falta de material. Nós temos um objetivo, o SINPROJA de trabalhar na defesa desse profissional dos profissionais que estão nas escolas, profissionais de educação física professores e professoras eles estão em buscas, eles querem uma escola pública e qualidade para os filhos de Jaboatão então assistam o vídeo.

##### **Escola 1**

###### **Professora A**

**FALA.** Quando a gente vai fazer alguma atividade, a gente tem que torcer! tem que ficar pedindo para que esteja sempre fazendo sol, e mesmo quando faz sol, os meninos levando, a gente também levando, aquele sol o dia todo. Então, assim [...] é uma situação bem complicada, sem falar na questão de material que também a gente trabalha com os recursos bem limitados e aí a gente tenta né! usar a criatividade. É como dizem o professor de educação física tem que ser criativo, mas também tudo tem um limite. Então assim, a gente procura fazer o máximo e faz, faz bem! mas também a gente é muito cobrado pra pouca condição que a gente tem dentro do Município.

##### **Escola 2**

###### **Supervisor**

**FALA.** Os Alunos, realmente eles, ficam sem condição nenhuma de trabalho aqui com os professores. E a gente precisa da melhoria né!, Porque a educação física faz parte da grade curricular. A educação física é importante para nossos alunos, então o que a gente quer e o que a gestão já vem

tentando há muito tempo através de ofícios e mais ofícios que entra governo e sai governo, é a melhoria do nosso espaço aqui. A melhoria para que temos uma quadra compatível com o que a gente já teve com o antigo visconde, que nós tínhamos duas quadras né. Hoje a gente não tem, a gente tem um espaço improvisado onde os professores, realmente eles, dão de tudo, eles improvisam realmente esse espaço pra o aluno, mas é um espaço inadequado com pedras, os meninos se furam, cortam o pé, e a gente pede pra que isso seja melhorado. Eu acho que tem que melhorar, a gente não pode viver uma realidade dessa na educação física.

### **Escola 3**

#### **Agente em Manutenção e Infraestrutura Escolar**

**FALA.** As dificuldades que o professor de educação física tem em aplicar suas aulas, é os espaços que aqui não tem adequado pra que ele execute. Principalmente, quando chove aqui próximo mesmo, tem uma vacaria que a vaca deixa dejetos e fezes num caminho, e ele tem que se deslocar para um campo de futebol que tem aqui mais ou menos uns 150 metros. E lá quando chove fica molhado e também não há condições de trabalhar com as crianças.

### **Escola 4**

#### **Professor B**

**FALA.** É a infraestrutura, que nós não temos uma quadra coberta. As aulas vão de sete da manhã ao meio dia aproximadamente e o sol durante o dia é altamente prejudicial para a saúde dos alunos e das alunas. É uma aula que visa à saúde, a promoção da saúde por meio [...], por parte dos alunos uma atividade que era para ser saudável acaba adoecendo. Muitos alunos tem problemas respiratórios, problemas de pele, entre outros. E segundo, mas não menos importante, materiais também didáticos para as atividades. Mas não recebemos materiais para tal.

### **Escola 5**

#### **Professor C**

**FALA.** Qualquer chuva ou mesmo sem chuva, por exemplo, hoje um dia de sol a quadra tá cheia de lama, por que a água escorre por aqui e adentra a quadra, a água de esgoto, a água suja. Então a gente não pode utilizar o espaço total da quadra. Então seria ideal uma cobertura, um piso mais adequado, uma capinação. Os próprios alunos se reúne, a gente faz uma mobilização para tentar tirar um pouco que dar ali pro resto da aula.

### **Escola 6**

**Professora D**

**FALA.** O que eu conseguir fazer com as crianças aqui, foi um projeto assim [...] meio da ideias deles, que fizeram um abaixo assinado solicitando que pelo menos uma quadra fosse construída. E a gente não tem nenhum espaço que dê para fazer é[...] atividades com o futebol, vôlei, praticamente todas as atividades são adaptadas, a gente utiliza o que dá. Uma das prioridades que a gente tem aqui, que seria pra pedir, seria uma tela, inclusive na casa aqui vizinha acontecem muitas quedas de bola lá nessa casa.

**Escola 7****Professor F**

**FALA.** A dificuldade nossa é o espaço físico, que é pequeníssimo, e levamos os estudantes para fazer em outros espaços fora da escola. Esse espaço, ele na cheia foi invadido pelas águas do rio Jaboatão que passa por aqui próximo e danificou o campo, não tem mais condição de trabalho nenhum. É um espaço maravilhoso, mas quando a natureza nos permiti. Né! Pode ver que no período de inverno a situação ficou difícil de ser trabalhada, porque o mangue sob e toma todo o espaço, e a gente não consegue mais trabalhar.